

Jornalismo, controvérsia e convencimento: a palavra e a formação

Journalism, controversy and convincing practices: the words and the training

Francisco José Castilhos Karam¹

Universidade Federal de Santa Catarina
Campus Universitário da Trindade, 88040-900, Florianópolis, SC, Brasil
fjkaram@terra.com.br

Resumo. O Jornalismo como tributário da Retórica e da Dialética greco-romanas chega à contemporaneidade sem abrir mão de seu elemento central: a palavra. Ela está no texto escrito e na imagem parada ou em movimento; nos infográficos e nas grandes narrativas típicas da reportagem. Está na crônica e na charge; na conversa informal e nas redes sociais. A formação jornalística também não abre mão da palavra, que passa pelo reconhecimento da relevância do entorno, pelos métodos de apuração e pelas formas narrativas. A palavra está no centro da controvérsia e do convencimento. E está no centro da formação.

Palavras-chave: jornalismo, palavra, formação, retórica, dialética.

Abstract. Journalism is raised by Greco-Roman Rhetoric and Dialectics and comes through the present days without ever giving up on its central pillar: words. Words are to be found everywhere: in written texts, static or dynamic images; in infographics and great, typical journalistic tales. They are to be found in chronics, comics, informal talk and social networks. To become a journalist means to not give up on words that are central when one acknowledges the importance of the surroundings, of detection methods and narrative models. Words are at the core of controversy and convincing practices. They are at the core of becoming a journalist.

Key words: journalism, words, training, rethoric, dialectics.

¹ Jornalista e professor na Universidade Federal de Santa Catarina

O Jornalismo, embora como profissão tenha foco central na Modernidade, deve tributo tanto à Retórica quanto à Dialética greco-romanas que já têm, no Ocidente, em torno de 2.400 anos. As duas têm origem, de forma sistemática, naquele momento histórico. Aos retores, que ensinavam a arte da oratória naquela época, correspondia a capacidade de falar bem, persuadir, deleitar ou comover. Na era pré-socrática, bem antes do marco zero da chamada era cristã, a Retórica assumia papel de vanguarda nos discursos sobre o mundo e dela se derivava o conhecimento comparável à verossimilhança. Ao surgimento e protagonismo do filósofo Sócrates como questionador, correspondeu algo que ainda hoje perdura no próprio jornalismo: a capacidade de duvidar, de indagar, de perguntar... e de estabelecer a controvérsia. Retórica e Dialética afirmaram-se como formas de narrar e de discutir. Grosso modo, à primeira correspondia uma representação de mundo factível com os objetos representados; à segunda, formas e métodos de questionamento e de interlocução de diferentes atores sociais.

Na origem, a palavra. Isto é, a representação possível do mundo, que evoluiu de acordo com as condições sócio-culturais da Humanidade e alastrou-se, incluindo sucessivos novos termos, em diferentes línguas, por todo o planeta. Na origem, a representação de um mundo que, em crescente complexidade, necessitava ser compartilhado entre outros e, depois, entre mais gente e, hoje, potencialmente entre quase todos.

A representação do mundo pela palavra significa, também, um afastamento do homem de seu mundo estritamente natural, criando, ao longo de sua história, uma segunda natureza, a da cultura, como artefato capaz de articular signos, transformá-los em sinais e significados e manter, no presente e no horizonte, uma relação sujeito-objeto que nunca mais iria abandonar a humanidade. Isto é, os objetos são compreendidos e validados, mas também compreendidos e superados. Os sujeitos atribuem valor e o valor retorna alterando o sujeito. Esta relação gera, também, uma outra segunda natureza não natural, a da ética, formando o caldo cultural-moral especificamente humano.

O que levou gregos e romanos e constituíram escolas de oradores? O que levou a constituição, na antiguidade greco-romana, de técnicas que pudessem, pela palavra, convencer? E pela palavra, mudar a opinião dos outros? Na base, Retórica e Dialética. Na base, o convencimento de públicos e a discussão de

temas aparentemente relevantes para a polis ainda incipiente. E a idéia de Democracia e de Representação.

Quais as razões para ainda, em livros clássicos ou renovados sobre a antiguidade grega, falar-se em Grécia pré-socrática? Qual foi o momento e as circunstâncias da ruptura para uma Grécia pós-socrática? Basicamente, a pergunta; essencialmente, a dúvida.

Perguntas e dúvidas sedimentaram o processo de conhecimento. À Retórica do convencimento e da persuasão, baseada em argumentos lógicos e coerentes, contrapôs-se um método, depois conhecido como método socrático e, mais adiante, ferramenta e alicerce dos processos metodológicos que envolvem a Dialética, passando-se pela perspectiva platônica, hegeliana e marxista. Ao unir Retórica e Dialética, em um processo que exigiu certo compromisso com a ética da palavra – isto é, o dito ou escrito corresponde à verossimilhança e, portanto, ao reconhecimento e validação de objetos-, os sujeitos que construíram tanto a perspectiva retórica – isto é, os retores, incluindo aí os sofistas, também retores –, e os com perspectiva dialética – os indagadores, perguntadores, os que duvidavam da “evidência” sem fundamentação e comprovação empírica-, estavam abrindo os caminhos para o que viria a se desdobrar como potencialidades no tempo histórico e chegaria a diversas atividades profissionais modernas, como hoje o Direito e o Jornalismo.

Mais tarde, no espaço público nascente das modernas revoluções emancipatórias ou de independência, como a Inglesa (1688), a Francesa (1789) e a Americana (1776), surgiram os fundamentos do discurso e do convencimento jornalístico que, para ter credibilidade social, fundamentaram-se como negócio mas legitimaram-se como serviço público. Ou seja, como algo essencialmente vinculado ao direito público a saber o que se passa em quaisquer áreas de Poder, de Conhecimento e de movimento cotidiano nas ruas – seja para ampliar o espaço compartilhado de debates e de controvérsias, seja para validar o discurso de segmentos sociais vinculados a um ou a outro setor da vida pública.

Sempre houve, desde as Atas Diurnas romanas, a relação da informação com o entretenimento. E desde aquela época oradores pediam fatos sobre os quais falar ... e os relatavam e interpretavam, conforme Cícero e muitos outros retores antigos (de acordo com Lage, 2005; Sousa, 2008; Karam e Christofolletti, 2011).

A mistura de assuntos *sérios* com *amenidades* povoou a narrativa de mundos, as pequenas ou grandes histórias. E vinculou conteúdos *relevantes* (validados especialmente a partir do século XVIII ao incipiente *espaço público* moderno e posteriormente ao chamado *interesse público*) a conteúdos *curiosos*, insólitos, “interessantes” ... mas não tão necessários de se conhecer para se situar no dia-a-dia.

No Renascimento, com o recente nascimento do “direito social à informação”, e o posterior surgimento dos meios massivos e rotineiros, já na Modernidade e Contemporaneidade – como o jornal periódico mensal, depois semanal e diário... e hoje a cada instante no ciberjornalismo –, houve um desdobramento do jornalismo em duas perspectivas centrais: de um lado, o chamado *jornalismo de referência*, a partir da herança que o jornalismo recebe do Realismo; de outro, o chamado *jornalismo popular*, a partir da herança do Melodrama. O primeiro gerou o campo dos assuntos necessários para o conhecimento, a informação e a participação públicas, com o surgimento de jornais considerados mais sérios; o segundo, gerou o campo dos assuntos mais amenos ou curiosos, menos importantes, mas que complementam o dia-a-dia dos comentários sobre a vida pública e privada. Um e outro sempre se preocuparam com as formas narrativas, gerando diferentes gêneros, como a notícia, a reportagem, a crônica, o artigo. E, ainda, a charge, a história em quadrinhos, o folhetim... com, claro, formas narrativas diferenciadas, herdadas inicialmente da Literatura – do conto, do romance, da crônica... (Gomis, 1991; Ponte, 2005).

Hoje, os chamados jornais de referência tendem a se tornar *on line*, dado que seu público predominante tem acesso à mídia digital. Os jornais populares tendem a permanecer no impresso – e por longo tempo isso deve durar – à medida que seu público, enquanto não for incluído no mundo digital (o que deve passar por um processo de alfabetização, escolarização e domínio tecnológico) continuará tendo a mídia impressa popular, além da tevê e do rádio, como preferencial. Daí que se nota um certo crescimento dos jornais populares impressos, que tentam corresponder a demandas específicas e locais, em linguagem tributária do melodrama e com capacidade de envolver, como diziam os antigos retores. Isto é, com capacidade de não apenas *informar* e/ou *convencer*, mas também de *comover* e de *deleitar*. Adaptando a linguagem e os conteúdos tanto às necessidades informativas e às amenidades e curiosidades diárias, torna-se um *jornalismo popular de referência*.

A retomada do infoentretenimento contemporâneo, apropriando-se das várias perspectivas e formatos do jornalismo, vincula-se a um espaço público dilacerado em que a sobrevivência econômico-financeira dos negócios depende da capacidade de envolvimento das pessoas com assuntos mais relevantes e, simultaneamente, com a capacidade de manter a curiosidade. Assim, o jornalismo tem sofrido certo hibridismo.

Isto compromete os ideais centrais da atividade, como os de *credibilidade*, que se assentam nas bases da *legitimidade* social da área. Mas, ao mesmo tempo, enquanto os temas e linguagens forem interessantes e claros e estiverem representando determinados atores sociais, certamente haverá uma dupla eficácia do discurso: a do convencimento de mensagens, baseada na representação que faz do cotidiano de determinado público; e a capacidade de gerar socialmente comentários sobre o mundo vivido e compartilhado, em que a narrativa melodramática – alçada ao infoentretenimento – garante a permanência de um público, tanto pela relevância do tema para sua vida como para deleite e/ou comoção por meio da estrutura da própria narrativa, prolongando o campo da discussão pública, seja pelo senso comum ou via senso crítico. Estas bases de reconhecimento social imediato ainda estão sendo dadas pelo jornalismo, mesmo que ele faça concessões em relação aos ideais iluministas que moldaram os valores éticos e técnicos dos últimos 300 anos para a defesa social da profissão.

Assim, fundamenta-se também as bases para a disseminação massiva, planetária, imediata – em períodos essencialmente reduzidos –, de fatos e de versões; de eventos que precisam, previsíveis ou não, estarem na ordem do dia dos debates e embates públicos. Assim, surge uma via que vai realizar e exigir determinadas técnicas, específicos procedimentos ético-deontológicos e apresentação particular estética, fundamentada em uma teoria para a área e manifestada por distintos suportes tecnológicos, dos jornais impressos ao jornalismo digital.

Se por um aspecto a Retórica baseava-se na Persuasão e no Convencimento, tentando mostrar a eficácia do discurso para públicos universais ou particulares – de onde a ideia de que quanto maior o auditório mais difícil é convencê-lo como um todo (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 1996) –, por outro a divisão moderna em editorias, tentando “mapear” o mundo sugerindo discursos convincentes a diferentes públicos precisou de certa eficácia.

Para sua legitimação como Instituição moderna, o Jornalismo, tanto como simulação quanto verossimilhança do mundo, necessitou de públicos diversos e controversos que pudessem dar eficácia e reconhecimento à própria Instituição Jornalismo. Isso ocorre, principalmente, a partir das revoluções da cidadania já referidas, quando o Jornalismo, mais do que buscar a simples opinião, ocupou papel central no espaço público moderno que disseminou e ampliou, como nunca, o campo de ideias, de produtos e do consumo massivo e controverso de todos eles (Cornu, 1999).

Para formatar o novo discurso jornalístico, as circunstâncias do também novo tempo aproximou a eficácia da narrativa às experiências diretas vividas pelo público aos quais se dirigia. De um lado, o discurso retórico, excluindo a dialética, persiste basicamente na opinião. Por outro, a legitimidade das representações de mundo ancoram-se na controvérsia pública que o aproxima da dialética, num interminável jogo de acompanhar o desdobramento humano pelos relatos que potencializam o próprio dia-a-dia com o novo e a opinião sobre ele; com a controvérsia que mantém o próprio moderno negócio informativo para continuidade e lucratividade, ensaiando um espaço público onde todos argumentam e retornam, como leitores ou participantes, a tal espaço, ainda que seguidamente de forma simulada.

Hoje, jornalismo, persuasão e controvérsia pode se desdobrar em novos espaços que, ainda que públicos, são macro, médio ou micro. No ciberjornalismo moderno, a dificuldade de permanência e eficácia do discurso jornalístico está em convencer públicos simultaneamente universais e particulares, no qual as redes sociais, as informações segmentadas e a participação à margem da mídia de referência hegemônica se intensificam.

No entanto, parecem permanecer, como necessidade social e como eficácia argumentativa, os discursos com as características clássicas e modernas do Jornalismo, ainda tributários da antiguidade greco-romana, expressos por: (a) o discurso deve ser claro, convincente e envolver os interessados e que têm experiência direta nos fatos cotidianos; (b) os discursos devem informar, deleitar e comover; (c) os discursos devem envolver verossimilhança, credibilidade e legitimação, baseados na inclusão da controvérsia – discursos de uma só direção tendem ao esvaziamento. Conforme Reig (2007), continuará sendo importante o *jornalismo de referência*. É ele que vai exigir rigor,

profundidade, contextualização, profissionais com ampla base cultural e abertos ao que ocorre ao redor, sem fechar-se demasiadamente em um campo acadêmico – embora ele seja importante – e diferenciado-se da informação pseudojornalística abundante no ciberespaço. Para ele, tal perspectiva necessita uma sólida formação acadêmica.

Formação e palavra

Na formação e consolidação do modo de narrar e indagar dos greco-romanos há uma aproximação às técnicas modernas do jornalismo. Hoje, há preocupações, crescentes com o exercício qualificado do jornalismo, com sua técnica, sua estética, sua ética e sua teoria próprias, configuradas em novos espaços cidadãos de informação cotidiana e em novas percepções da dimensão rítmica imediata. E disseminado por diferentes suportes tecnológicos, ampliando o espaço da convergência tecnológica que, não tão paradoxalmente, estimula a divergência temática, de protagonistas, versões, formatos, fontes, apurações e narrações.

Ainda que o processo de produção jornalística deva levar em conta e incorporar participações e conteúdos de novos públicos, dos cidadãos e de base de dados, por exemplo, a organização do entorno com critérios imediatos e seletivos encontra na atividade profissional uma potencialidade ainda presente, a de reconstituir o cotidiano mediante critérios clássicos que envolvem a busca e a expressão, a pergunta e a descrição diante de tantas áreas e tantos campos de conhecimento e de poder incorporados à realidade. Se tantas são elas, nenhuma poderia se dedicar com tanta especificidade e dedicação a um só ramo, o jornalístico, que precisa um certo tempo diário de envolvimento para manter tanto o processo de percepção dos temas relevantes para muitos – e não para poucos – e, simultaneamente, transformá-los em inteligibilidade compartilhada, em potencial debate controverso e em fértil campo de decisões a partir das informações confiáveis disponíveis. É uma potencialidade que avançou nos últimos três séculos mas que é limitada por diferentes circunstâncias políticas, ideológicas, econômicas e culturais. Por isso, há relevância dos narradores públicos a partir da produção diversificada de diferente protagonistas e fontes. E também há necessidade de políticas de comunicação que apontem para a consecução dos ideais da Modernidade em termos de controvérsia e decisão, expres-

sos, no caso jornalístico, pela multiplicidade de mídias, abordagens, temas, propriedade, fontes, atores. Seria, ideal e potencialmente, uma pulsação tensa e controversa do presente em movimento.

Com tal perspectiva, existem ainda alguns princípios básicos para a formação qualificada e que são, aparentemente, incontornáveis: (a) identificar, dentro do oceano de informações e movimento humano diário, aquilo que de mais relevante merece ser notificado e contextualizado; (b) apurar, com os métodos do próprio jornalismo, dados relevantes socialmente, seja por meio de documentos escritos ou registrados, ou por meio de fontes qualificadas e/ou testemunhais. Isso envolve um certo grau de desconfiança, tal como sugere o método socrático da Grécia antiga; (c) narrar com as características que levem ao convencimento, à comoção ou ao deleite, mediante critérios que são éticos e estéticos, culminados com a produção técnica e disseminados por diferentes suportes tecnológicos.

Desde a identificação até a apuração e à narração, não é possível prescindir da palavra. A relação dos cursos de Jornalismo de graduação ou de pós-graduação com a atividade cotidiana não prescinde do domínio da palavra e de sua representação de mundo. Identificar, apurar e narrar, como três fases essenciais da representação relevante que o Jornalismo faz do mundo, encontra na universidade e/ou faculdades específicas um ambiente propício tanto ao aprendizado e exercício decorrentes quanto à reflexão necessária sobre o fazer-pensar que se exige em qualquer atividade profissional. O domínio vocabular significa a possibilidade de expansão e contextualização do mundo em movimento, representado pela palavra, ainda que ela esteja não escrita mas apenas sugerida ou imersa nas próprias imagens paradas ou em movimento. No ciberespaço, cabe ao ainda jornalista organizar, investigar e narrar, assentado na credibilidade e legitimidade sociais adquiridos historicamente. Tal profissional, pela dedicação cotidiana e pelo tempo em que professa a atividade, tem um estatuto específico de organizador da vida coletiva de forma imediata e/ou de articulador do presente (Baitello, 1997; Borrat e Fontcuberta, 2006).

A formulação de uma adequada formação em Jornalismo implica o reconhecimento da história da atividade profissional e da reflexão sobre tal história; da formulação histórica das técnicas da atividade e dos correspondentes procedimentos éticos desenvolvidos e conso-

lidados ao longo do período em que a atividade incluiu-se, pela divisão social do trabalho, como uma profissão.

Como legitimidade social, herdeiro em forma industrial, sistemática, regular e periódica em termos de reconhecimento de temas relevantes, de apuração sobre tais temas e de narrativas específicas correspondentes ao reconhecimento e à apuração, o jornalismo inseriu-se como uma atividade que precisa, na ordem do dia, do reconhecimento dos outros atores sociais e das outras áreas de conhecimento e campos de Poder. A tentativa de estabelecer controvérsia social, calçada no milenar método dialético, inclui, como correspondência real ou como mera simulação, a ideia de um espaço público geral nascente com as modernas revoluções industriais e hoje subdividido, reiteramos, em macro, médio e micro, num ambiente ciberespacial, de um lado mas, de outro, ainda envolvendo distintos perfis de público que, por sua ainda incipiente inclusão social – ou clara exclusão social – sobrevive de informações em comentários a partir de mídias tradicionais ou até mesmo pré-jornalísticas.

Com tal perspectiva, levando em conta ambientes tradicionais midiáticos e perspectivas novas dadas pelas modernas tecnologias da informação e pelo ambiente da convergência tecnológica e diversidade midiáticas a formação deve corresponder, técnica, ética, estética, teórica e tecnologicamente, a um profissional que reúna formação qualificada de acordo com os princípios históricos profissionais mas também de um profissional em constante mutação no domínio das alterações exigidas no século 21 sem, no entanto, prescindir da palavra como elemento central de sua atividade. Se tematicamente exige-se conhecimentos de Política, de Economia, de Ciência e de Cultura, para ficarmos num exemplo corriqueiro, não se pode dizer que o profissional formado em um curso de Jornalismo deva ter o mesmo conhecimento do economista, do político, do cientista e do ambiente estritamente cultural. Mas, se isto é verdade, não é menos correto afirmar que, por meio do jornalismo e dentro de suas buscas, apurações e narrativas, manifestam-se conhecimentos da Política, da Economia, da Cultura e da Ciência. É correto afirmar que o conhecimento e informações imediatos podem se manifestar imediatamente pelo jornalismo, por meio de declarações, descobertas, entrevistas e diferentes outras possibilidades, com uma estética específica, com uma técnica narrativa que envolve elementos da antiguidade greco-

romanas, com procedimentos éticos cunhados na modernidade, com os fundamentos morais e jurídicos que moldaram a área.

Assim, a formação em jornalismo deve levar em conta que, seu melhor resultado é o que leva em conta o melhor produto, seja uma entrevista, um programa de televisão, uma notícia, uma reportagem, uma crônica ou uma arquitetura informativa que envolva todos estes aspectos, incluindo imagem fixa ou em movimento, infográficos e charges, multimídia e convergência de mídias.

Uma formação com tal perspectiva que vincule as reflexões na área ao seu resultado concreto, por meio de um produto, e da conseqüente e qualificada forma de obter um emprego, implica reconhecer que deve equilibrar os aspectos teóricos, epistemológicos e fenomenológicos do jornalismo com a produção diversificada e plural em distintos suportes tecnológicos.

A palavra, como capacidade consciente de reconhecer o entorno, de perguntar e de narrar, seria um epicentro da formação, o que exige tanto investigação e suor no “ir às ruas” quanto vocabulário amplo e complexo capaz de dar conta das representações de mundo – suas e dos outros.

Conforme Genro Filho, diferentemente da percepção individual, no jornalismo “a imediatividade é o ponto de chegada, o resultado de todo um processo técnico e racional que envolve uma reprodução simbólica” (1987, p. 58). Talvez o principal desafio da formação, além das ferramentas, é entender o que se passa e contextualizar e dar clareza ao que se passa. Além dos limites contemporâneos dados pela organização jornalística e seus interesses particulares, há o desafio da palavra, de perceber e de entender o mundo para, ao invés de potencializar erros, permitir que a complexidade dos fatos e das versões sejam trabalhadas com a fidelidade ética necessária e, ao mesmo tempo, com a precisão conceitual resumida, de forma que o cidadão veja, na profissão jornalística,

algo ainda útil para a sua vida. E reforce a defesa de um campo de formação específico que, sem as regras e o tempo do mercado, permita trabalhar, experimentar, refletir e polemizar, essenciais a uma formação não domesticada e nem submissa. A palavra parece estar no centro da capacidade adversarial do jornalismo. E no centro da ação política em que se desdobra.

Referências

- BAITELLO JUNIOR, N. 1997. *O animal que parou os relógios*. São Paulo, Annablume, 128 p.
- BORRAT, H.; FONTCUBERTA, M.de. 2006. *Periódicos: sistemas complejos, narradores en interacción*. Buenos Aires, La Crujía, 351 p.
- CORNU, D. 1999. *Jornalismo e Verdade: para uma ética da informação*. Lisboa, Instituto Piaget, 468 p.
- GENRO FILHO, A. 1987. *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre, Tchê! 229 p.
- GOMIS, L. 1991. *Teoria del periodismo: cómo se forma el presente*. Barcelona, Paidós, 212 p.
- KARAM, F.J.C.; CHRISTOFOLETTI, R. 2011. Fundamentos jornalísticos para novos cenários éticos da informação. In: G. SILVA; D. KÜNSCH; C. BERGER,; A. ALBUQUERQUE (Org.). *Jornalismo Contemporâneo: figuras, impasses e perspectivas*. Salvador/Brasília, Edufba/Compós, p. 79-100.
- LAGE, N. 2005. *Teoria e técnica do texto jornalístico*. Rio de Janeiro, Elsevier, 188 p.
- PONTE, C. 2005. *Para entender as notícias: linhas de análise do discurso jornalístico*. Florianópolis, Insular, 247 p.
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. 1996. *Tratado da Argumentação: a Nova Retórica*. São Paulo, Martins Fontes, 653 p.
- REIG, R. 2007. *El periodista en la telaraña: nueva economía, comunicación, periodismo, públicos*. Barcelona, Anthropos, 174 p.
- SOUSA, J.P. 2008. Uma breve história do jornalismo no Ocidente. In: J.P. SOUSA (Org.), *Jornalismo: história, teoria e metodologia da pesquisa*. Porto, UFP, p. 12-93.

Submetido: 08/08/2012

Aceito: 10/08/2012